

Pragmatismo: a conexão entre a teoria e a prática

Octavio Ribeiro de Mendonça, José Carlos Tiomatsu Oyadomari , Ronaldo Gomes Dultra de Lima 

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo-SP, Brasil.



¹octavio.mendonca@mackenzie.br

²oyadomari@mackenzie.br

³ronaldo.dultra@gmail.com

Editado por:

Elisabeth de Oliveira Vendramin

Resumo

Objetivo: Diante das críticas recorrentes ao distanciamento entre a pesquisa acadêmica e as necessidades emanadas da prática profissional, a abordagem intervencionista tem sido entendida como uma das alternativas que pode mitigar esse distanciamento e produzir resultados relevantes para a prática profissional. Alguns modelos foram desenvolvidos para a realização de pesquisas intervencionista que, embora úteis, não possuem a abrangência do método pragmático. O objetivo desse ensaio é propor e defender a utilização do pragmatismo como o método de pesquisa mais indicado para a área de Contabilidade e Gestão, especificamente naquelas pesquisas que adotam uma perspectiva intervencionista focada na solução de problemas complexos relacionados à prática profissional.

Método: Esse texto foi desenvolvido na forma de ensaio onde se argumenta, por meio de uma análise crítica de textos relacionados ao Pragmatismo, que o método pragmático é o mais indicado para o desenvolvimento de pesquisas de caráter intervencionista na área de Contabilidade e Gestão.

Discussão: Esse ensaio argumenta que a utilização do método pragmático constitui a alternativa mais indicada para o desenvolvimento de pesquisas com abordagem intervencionista, na área de Contabilidade e Gestão, que envolvam problemas práticos complexos.

Contribuições: A principal contribuição deste ensaio é argumentar que o método pragmático é o mais indicado para a solução de problemas práticos complexos e para alavancar a produção de conhecimento nas pesquisas de caráter intervencionista na área de Contabilidade e Gestão, ressaltando a relevância do raciocínio abduutivo na formulação de hipóteses alternativas e provisórias no decorrer do processo da Inquirição.

Palavras-chave: Pragmatismo. Inquiry. Inquirição. Abdução.

Como citar:

Mendonça, O. R. de, Oyadomari, J. C. T., & Lima, R. G. D. de. PRAGMATISMO: A CONEXÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA. Advances in Scientific and Applied Accounting. Recuperado de <https://asaa.anpcont.org.br/index.php/asaa/article/view/880>

Recebido: Janeiro 28, 2022

Revisões requeridas: Agosto 29, 2022

Submetido a Segunda Rodada: Dezembro, 01, 2022

Aceito: Outubro 28, 2022

Introdução

O objetivo deste ensaio é propor e defender a utilização do pragmatismo como o método mais indicado para o desenvolvimento de pesquisas na área de Contabilidade e Gestão, focadas na solução de problemas complexos relacionados à prática profissional, que adotam uma perspectiva intervencionista. Entende-se aqui como problemas complexos, aqueles que envolvem não só aspectos quantitativos com uma grande quantidade de interações e interferências, mas também, incertezas, indeterminações e aleatoriedade, conforme a conceituação de complexidade de Morin (2005).

O pragmatismo, conforme observa Waal (2007), pelo menos na sua vertente inicial desenvolvida por Charles Pierce, não é uma teoria e sim um método que traça uma conexão entre teoria e prática, ou seja, entre pensamento e ação, que segundo sugestão de Buch e Elkjær (2019), deve ser considerado pelos pesquisadores como uma ferramenta útil para estudos preocupados com a prática nas organizações.

Essa proposta torna-se imperiosa diante das críticas recorrentes e pertinentes ao distanciamento entre a pesquisa acadêmica e as necessidades da prática profissional, exaustivamente discutidas na literatura (Hansen, Oiley & Van der Stede, 2003; Hughes, O'Regan & Wornham, 2008, Quattrone, 2009; Birnberg, 2009; Avenier & Bartunek, 2010; Baldvinsdottir; Mitchell & Nørreklit, 2010; Tucker & Parker, 2014; Sidor, 2015; Wood Jr. & Souza, 2019; Sharma & Bansal, 2020; Costa, Machado & Câmara, 2022).

A pertinência dessas críticas ganha maior relevância no caso específico de nosso país, onde os recursos destinados à pesquisa científica são escassos e na sua maior parte financiados com recursos públicos. Nesse contexto, o mínimo que se espera, é que essas pesquisas produzam resultados com impactos sociais relevantes, uma vez que, "o objetivo final da pesquisa em ciências sociais é o de melhorar a vida (ao invés de descrevê-la ou simplesmente entendê-la)" (Baldvinsdottir, Mitchell, & Nørreklit, 2010, p. 82), e "melhorar a vida significa intervir na realidade" (Lee, 2009, p. 153).

Diante desse contexto, a abordagem da pesquisa intervencionista (*Interventionist Research - IVR*), tem sido recomendada como uma das alternativas que pode mitigar esse distanciamento entre a pesquisa acadêmica e as necessidades da prática, e produzir resultados relevantes para a prática profissional (Jönsson & Lukka, 2007; Jönsson, 2010).

A IVR é entendida por Jönsson e Lukka (2007) como um tipo de estudo de caso, em que uma das suas características essenciais desses estudos, o envolvimento direto do pesquisador com os demais atores do processo, é fortalecida. Nesse caso, conforme ressalta Jönsson

(2010), é necessário aceitar que os objetos de estudo possam ser afetados pelos próprios estudos, o que implica no abandono do paradigma da neutralidade do pesquisador, segundo o qual ele deve atuar como mero observador, paradigma esse tão arraigado na pesquisa positivista. Na IVR o pesquisador age e a teoria é construída na ação em uma estreita colaboração com os práticos (Jönsson & Lukka, 2007; Suomala & Yrjänäinen, 2012; Yrjänäinen, Suomala, Laine & Mitchell, 2018).

Na mesma linha dos modelos de pesquisa intervencionista, Van de Ven (2010) desenvolveu a abordagem do *Engaged Scholarship*. Essa abordagem, conforme o autor, consiste em uma forma participativa de pesquisa para obter as diferentes perspectivas dos principais *stakeholders* (pesquisadores, usuários, clientes, patrocinadores e praticantes) na produção de conhecimento sobre problemas complexos. Van de Ven (2010) observa ainda que essa abordagem, pode produzir um conhecimento mais penetrante e perspicaz do que quando estudiosos ou profissionais trabalham sozinhos nesses problemas.

Alguns modelos que se mostraram úteis na solução de problemas foram desenvolvidos para a realização de pesquisas intervencionistas (Nonaka, Konno & Toyama, 2001; Labro & Tuomela, 2003; Suomala & Yrjänäinen, 2012). Todavia, a criação de conhecimento relevante através da aplicação desses modelos tem sido modesta e é ainda um desafio a ser superado conforme observam Lukka e Wouters (2022).

É nesse contexto que se propõe aqui o uso do método pragmático para a realização de pesquisas com abordagem intervencionista na área de Contabilidade e Gestão. Esse método tem a capacidade de alavancar a produção de conhecimento útil (Vo, 2012), notadamente no que se refere à inquirição (conceito que na visão pragmática se refere ao processo pelo qual se transforma uma situação indeterminada em um problema a ser resolvido), e à utilização da abdução na formulação de hipóteses provisórias, conforme evidencia Lorino (2018).

Esse texto, desenvolvido na forma de ensaio, está estruturado como segue: A essa Introdução, que contextualiza o tema tratado segue-se, na segunda seção, uma breve síntese do Método utilizado. Na sequência, na terceira seção, discute-se o contexto histórico do surgimento do pragmatismo e em seguida, na quarta seção, apresenta-se o Método Pragmático e, em um item à parte, na quinta seção o raciocínio Abduutivo, de particular relevância na construção de hipóteses alternativas e provisórias para a formulação e solução de problemas práticos complexos. O texto segue com apresentação e análise das principais críticas ao pragmatismo na sexta seção. Na sequência, na sétima seção, no item Discussão, o texto apresenta os argumentos utilizados na defesa da utilização do Método

Pragmático nas pesquisas intervencionista (IVR) e finaliza com as Considerações Finais dos autores.

2. Método

Para atingir seu objetivo, que é o de propor e defender a utilização do pragmatismo como o método mais indicado para o desenvolvimento de pesquisas de caráter intervencionista na área de Contabilidade e Gestão, esse texto foi desenvolvido na forma de ensaio.

O ensaio é um tipo de texto que apresenta e debate uma ideia ou uma proposta, e utiliza-se de argumentos estruturados para defendê-la. Conforme observa Meneguetti (2011) o ensaio é forma cuja construção difere da lógica da ciência tradicional. Sua força, continua Meneguetti (2011), não está relacionada ao rigor metodológico, mas à sua capacidade reflexiva para compreender a realidade.

Observa ainda Meneguetti (2011), que na área da gestão, o ensaio é um importante recurso para promover a interdisciplinaridade e a construção de conhecimento por meio da subjetividade. Diferente do método tradicional da ciência, em que o rigor da forma é essencial, o ensaio requer que o autor e o leitor sejam capazes de avaliar que a compreensão da realidade também ocorre de outras formas (Meneghetti, 2011; Soares, Picolli & Casagrande, 2018).

No caso presente, este ensaio argumenta, por meio de uma análise crítica de textos relacionados ao pragmatismo, que o método pragmático é o mais indicado para o desenvolvimento de pesquisas de caráter intervencionista na área de Contabilidade e Gestão, ao destacar as raízes comuns do método proposto (Pragmatismo) e do campo de conhecimento em foco (Contabilidade e Gestão), que é a preocupação com as questões de natureza prática.

3. O Contexto Histórico do surgimento do pragmatismo: the metaphysical club e a máxima pragmática

O pragmatismo teve sua origem nas reuniões do *Metaphysical Club*, fundado em Cambridge no início da década de 1870 (Waal, 2007; Lorino, 2018), das quais, conforme Menand (2002), participavam entre outros, William James, Charles Sanders Peirce, Oliver Wendell Jr, Nicholas St John Green, Joseph Bangs Warner, Jonh Fisk, Francis Ellingwood Abbot e Chauncey Wright, que segundo Lorino (2018), embora não tivessem formação acadêmica em filosofia, pretendiam não só questionar a filosofia tradicional europeia, mas criar uma nova, baseada na experiência de vida, em contraposição ao idealismo cartesiano calcado no dualismo, no representacionismo, e na abstração da experiência.

Peirce, James, Dewey e Mead são unanimemente considerados os criadores do pragmatismo clássico,

conforme observam Elkjaer e Simpson (2011). Embora o próprio Peirce considerasse Alexander Bain, autor de *The Emotions and the Will*, publicado em 1859, como um dos precursores do pensamento pragmático, conforme indica Feodorov (2017).

Segundo Waal (2007), o tema central das discussões do clube girava em torno do conceito de crença formulado por Bain (1865), em *The Emotions and the Will*, segundo o qual a essência da crença é a expectativa de algum futuro contingente que seguirá nossa ação, e dessa forma, a crença não tem sentido, exceto em relação às nossas ações.

A importância desse conceito de Bain para o pragmatismo, decorre do fato dele definir crença em função dos seus efeitos sobre nossas ações, sem se preocupar com suas causas e nem em caracterizá-la como um sentimento, conforme observa Engel (2005). Ainda de acordo com Wall (2007), é esse conceito de crença de Bain (1878) que retrata o espírito da máxima pragmática de Peirce (1878), que podemos sintetizar como segue: A concepção que temos de um objeto é a concepção que podemos imaginar dos efeitos práticos que concebemos que tenha o objeto de nossa concepção. Dessa forma, a nossa concepção do objeto é a nossa concepção desses efeitos (Peirce, 1878).

Dessa forma, a máxima pragmática é um método de clarificação de proposições, ou seja, um método para listar as consequências práticas que se espera que a proposição tenha, se for verdadeira. Nesse sentido, as proposições que têm significado são aquelas cujos efeitos podem ser apontados, observa Engel (2005). Portanto, ao menos nessa fase inicial, o pragmatismo é um método e não uma teoria filosófica, mais especificamente, um método para determinar o significado dos conceitos, ou como aponta Waal (2007), um critério de significação.

Para Peirce (1878), e por extensão para o pragmatismo, só tem significado os conceitos que têm implicação prática, uma vez que são essas implicações práticas que dão significado ao conceito. Dessa forma, de acordo com essa visão pragmática, um conceito que não tem implicações práticas concebíveis, não é um conceito. Conforme Waal (2007), essa visão de Peirce do pragmatismo foi posteriormente ampliada por William James, Ferdinand Schiller e outros que os seguiram e que a transformaram em uma teoria da verdade.

Todavia, ainda segundo Waal (2007), essa visão ampliada do pragmatismo nunca foi partilhada por Peirce. Para ele, o pragmatismo é um critério de significação, e salienta ainda Waal (2007), a teoria pragmática, na verdade, nada mais é do que o resultado da aplicação do critério pragmático ao conceito de verdade. A partir de então, continua Waal (2007), várias vertentes surgiram, e vão desde o instrumentalismo de John Dewey, até as abordagens contemporâneas representadas por Richard

Rorty e Susan Haack.

Os historiadores do pragmatismo, conforme observa Lorino (2018), citam diversos fatores que podem ter favorecido seu surgimento nos Estados Unidos no final do século XIX, dentre eles, destaca-se a publicação em 1859 da obra de Darwin – *On the Origin of Species*; a Guerra da Secessão (1861–1865), e o impacto social do rápido desenvolvimento econômico e industrial que caracterizou essa época da história dos Estados Unidos. Com relação à obra de Darwin, Lorino (2018) salienta que ela constituiu um fator decisivo para os pragmáticos questionarem a visão idealista da vida e da natureza focada na estabilidade e na permanência, e alinharem-se assim com a abordagem da dinâmica do evolucionismo.

Já no que se refere à Guerra da Secessão, Lorino (2018) observa que alguns membros do clube participaram dela ativamente, e tiveram uma experiência traumática, que os levou a desacreditar nas crenças e premissas que caracterizaram a vida intelectual na época que a precedeu. Em termos da experiência social vivenciada pelos Estados Unidos no século XIX, Lorino (2018) ressalta que a acelerada expansão econômica que caracterizou essa época transformou o país em um novo poder internacional, com o Partido Republicano protegendo e promovendo o capitalismo industrial e a forma de vida dele decorrente, o que, segundo Lorino (2018, p.9) teria levado Dewey a comentar mais tarde, que o caráter progressista e instável da civilização americana de então, teria facilitado o surgimento de uma filosofia que enxerga o mundo como estando em formação contínua, onde há lugar para o indeterminismo e para o novo.

Embora, salvo melhor juízo, não existam registros de que os pragmáticos históricos tenham se preocupado com aspectos específicos da Contabilidade, é inegável a íntima ligação entre a essência prática da Contabilidade e a máxima pragmática.

Essa essência prática da Contabilidade já é evidenciada por Luca Pacioli ao iniciar a sua obra seminal *Trattato de computi e delle scritture*, com a seguinte frase: “Das coisas que são necessárias ao verdadeiro mercador e da ordem para saber escriturar um Razão com seu Diário em Veneza e também em qualquer outro lugar” (Pacioli, 1494/1911, p.3, tradução nossa).

Por outro lado, também é inegável a importância da Contabilidade no desenvolvimento do capitalismo, desenvolvimento esse, que no caso americano é apontado por alguns autores já mencionados, como uma das origens do pragmatismo. Nesse sentido, Weber (2006) observa que a organização racional da empresa capitalista poderia não ter sido possível sem a separação entre os negócios e a família do proprietário (princípio da entidade) e a racionalidade das partidas dobradas.

Essa importância é reforçada por Sombart (1946), que

afirma que o capitalismo e a contabilidade são dois fenômenos tão intimamente conectados, como forma e conteúdo, que não se pode dizer se o capitalismo criou a Contabilidade como uma ferramenta em sua expansão, ou se foi a Contabilidade que criou o capitalismo.

4 O Método Pragmático

O foco da alternativa pragmática é a natureza social das ações em tempo real que constituem a experiência viva. Essa perspectiva oferece uma maneira de abordar questões de "como" e "por que" que permanecem difíceis de tratar por abordagens convencionais conforme observam Elkjaer e Simpson (2011).

Ao contrário da visão cartesiana, que estabelece que para encontrar a verdade tudo deve ser colocado em dúvida, de forma individual e isolada do mundo material e social, na visão de Pierce a dúvida surge quando “[...] nossas ações encontram alguma forma de resistência, e isso pode ser resolvido através da reconstrução dos significados seja de cada um, seja da situação, ou melhor da relação entre eles” (Simpson & Lorino, 2016, p. 54). A essa atividade reconstrutiva, continuam os autores, Peirce (1878) denomina inquirição. Para aqueles que não estão familiarizados com a daquele de inquirição. A investigação pressupõe uma busca determinada, enquanto inquirição significa uma atividade aberta que não pressupõe a busca por algo definido.

Dada a limitação de espaço que é própria desse tipo de texto, não é possível tratar aqui todos os aspectos e vertentes da abordagem pragmática. Sendo assim, da mesma forma que Simpson e Lorino (2016), esse ensaio se concentra em três conceitos pragmáticos particularmente úteis para a pesquisa intervencionista, que são Hábito, Inquirição e *Conversational Trans-action* e que estão inter-relacionados.

Embora esses princípios sejam apresentados separadamente, em uma linguagem performativa, eles estão intimamente engajados no desdobramento da experiência, e conforme indicam Simpson e Lorino (2016), não podem ser considerados separadamente na prática da intervenção. Os hábitos estão envolvidos na experiência vivenciada na pesquisa como um recurso e mediação da inquirição em andamento, a qual é atingida coletivamente por meio da *Conversational Trans-Action*. Na sequência, em um item à parte, tratamos da abdução e de sua utilidade para a formulação de hipóteses.

4.1 Hábito

O conceito de hábito, como resultado da transformação do pensamento em ação, desenvolveu-se ao longo do século XIX, em um arcabouço teórico que refutou o dualismo mente-corpo da modernidade (Feodorov, 2017). Os hábitos adaptam o comportamento de uma pessoa de acordo com a dinâmica de seu ambiente, e

ajudam a manter um equilíbrio em seus estados mentais por meio de um comportamento automatizado, que segue certos padrões, mas simultaneamente mantém a flexibilidade adequada dentro do contexto e da especificidade individual (Feodorov, 2017).

Para os pragmáticos, de acordo com Lorino (2018), a linguagem da ação é a linguagem dos hábitos, e observa ainda o autor, a teoria pragmática dos hábitos conceitua hábitos como classes de ações baseadas na experiência com características disposicionais e sociais, e não com características comportamentais. Na visão de Dewey, “A essência do hábito é uma predisposição adquirida para formas e modos de respostas” (Dewey 1922, conforme citado por Lorino, 2018, p.72, tradução nossa).

No campo dos estudos organizacionais, Lorino (2018) observa que o hábito é normalmente entendido como uma conduta individual, enquanto as rotinas são entendidas como fenômenos organizacionais, o que contrasta com o entendimento pragmático de que o hábito não é um padrão subjetivo e individual de ação, mas um padrão social e cultural de ação e dessa forma “[...] questiona a dicotomia teoria/prática” (Lorino, 2018, p.75).

Simpson e Lorino (2016) observam que na visão de Dewey os hábitos são adquiridos e continuamente modificados através da experiência, mas nunca determinam completamente o curso das ações. Essa visão, conforme salientam os autores, é compartilhada por acadêmicos contemporâneos, como é o caso de Bourdieu, para quem o hábito (*habitus*) “[...] é um sistema de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem com o tempo em suas experiências sociais” (Socha, 2008, p.46), que surge, conforme Setton (2002), como uma forma de unir a realidade individual com a realidade externa, e a interação entre o objetivo e o subjetivo.

Essa visão pragmática de hábito aparece com alguma frequência na literatura relacionada aos estudos organizacionais, principalmente naqueles com foco no campo das rotinas, conforme pode-se observar em Feldman (2000), Feldman e Pentland (2003); Pentland e Feldman (2005), Cohen (2007). Winter (2013), Simpson e Lorino (2016), entre outros.

4.2 Inquirição

No item anterior, hábito foi apresentado como a linguagem da ação, e nesse sentido, conforme afirma Lorino (2018), seria do ponto de vista pragmático, considerar os hábitos como entidades estáticas. Em função disso, os pragmáticos desenvolveram um conceito complementar que é o conceito de inquirição que “[...] é o processo social através do qual os hábitos são transformados, adaptados, abandonados ou reinventados, [...]” (Lorino, 2018, p.94). Em outro texto, Lorino, Tricard e Clot (2011), definem inquirição como sendo o processo de mobilização e adaptação ao novo e ao emergente.

Segundo Buch e Elkjær (2019), a noção de investigação é o ponto focal dos trabalhos sobre teoria da ação, ciência da ação e aprendizagem organizacional. Entretanto, para Argyris e Schön (1978, 1996), a relação entre pensamento e ação é sequencial; primeiro ocorre a modelagem mental (cognição), e depois a ação, enquanto para os pragmáticos, pensamento e ação estão entrelaçados e não podem ser separados, conforme apontam Buch e Elkjær (2019).

Na visão de Dewey, conforme observam Simpson e Lorino (2016), a inquirição é um processo que transforma uma situação indeterminada, em outra que é suficientemente unificada para que um curso de ação coerente possa ser antecipado. Todavia, ressaltam esses mesmos autores, a inquirição nem sempre é visível, nem sempre envolve uma ruptura perceptível nos hábitos e não começa com um problema estruturado que precisa ser resolvido.

Embora o processo de inquirição não ocorra isoladamente, mas sim, concomitante com a transformação dos hábitos por meio da *trans – action conversation*, ele se dá, conforme Simpson e Lorino (2016), em duas etapas, sendo que a segunda etapa pode ser desdobrada em duas fases, como segue:

- ETAPA 1

A primeira delas consiste na transformação de uma dificuldade percebida em um problema a ser resolvido. Para isso, uma hipótese verossímil é abduktivamente construída para tornar inteligível essa dificuldade.

- ETAPA 2

Uma vez que o problema foi construído, a segunda etapa refere-se a sua solução. Essa solução é utilizada, de acordo com Lorino, Tricard e Clot (2011) envolvendo lógicas abduativas, dedutivas e indutivas, em duas fases

- FASE1

A hipótese verossímil é abduktivamente construída para tornar inteligível a dificuldade percebida na ETAPA 1 é traduzida em proposições testáveis mediante um raciocínio dedutivo.

- FASE2

Mediante o raciocínio indutivo é desenvolvido um protocolo para testar essas proposições.

Dessa forma, “Todo o raciocínio da Inquirição é expresso por meio de experimentação em que pensar e agir são dinâmicas simultâneas e confluentes” (Simpson & Lorino, 2016, p.67).

Numa visão mais contemporânea, Haack (2013) defende que uma inquirição bem conduzida é aquela em que o pesquisador está interessado em descobrir como as coisas realmente são, e chama a atenção para o que ela denomina de *Pseudo-Inquiry*, que segundo ela pode assumir duas formas distintas: raciocínio fingido (*Sham Reasoning*) e raciocínio falso (*Fake Reasoning*).

No primeiro caso, *sham reasoning*, o pesquisador não procura descobrir como as coisas são, apenas busca argumentos para tentar justificar uma proposição já por ele aceita e não negociável, seja por interesses de ordem ideológica, seja para satisfazer interesses comerciais dos financiadores da sua pesquisa, ou ainda para defender crenças que lhe são muito caras, que nesse caso o pesquisador procurará ajustar os seus achados empíricos aos seus interesses pessoais. Em suma, o *sham reasoning* ocorre quando não é mais o raciocínio que determina a conclusão, mas a conclusão que determina o raciocínio (Haack, 2011, p.87).

No segundo caso, *Fake Reasoning*, o pesquisador não está interessado em saber como as coisas realmente são, e nem em defender qualquer crença ou ideologia que lhe seja cara, mas é movido apenas pelo desejo de se promover, alcançar fama ou notoriedade, ou mesmo ganhar dinheiro ou ser promovido na carreira acadêmica, o que, na visão de Haack (2013), pode ser alcançado por meio da defesa hábil de uma ideia falsa ou obscura. Neste caso, o objetivo não é obter conhecimento, mas escrever um livro ou artigo engenhoso e esteticamente agradável.

Na visão de Haack, Waal (2007) observa que a autora utiliza a analogia das palavras cruzadas para explicar como o conhecimento é adquirido. Segundo ela, o quanto uma entrada nas palavras cruzadas é adequada, depende de quanto ela é amparada pelas informações disponibilizadas e pelas entradas já interseccionadas, de quanto aquelas entradas são razoáveis, independentemente da palavra em questão e de quanto o jogo já foi completado. Da mesma forma, o conhecimento vai sendo gerado a partir de evidências plausíveis que dependem das várias evidências já interseccionadas, de quanto elas são razoáveis, e de quanto o total já foi completado, ou seja, o objetivo da inquirição não é uma conclusão isolada, mas ter partes importantes preenchidas, como nas palavras cruzadas.

4.3 Conversational Trans-Action

Os estudos que analisam como as dimensões social e organizacional de um fenômeno são produzidas, conforme Lorino (2018), se alternam entre o individualismo e o holismo. No primeiro caso, a sociabilidade é baseada na agregação de processos individuais e subjetivos de pensamentos e ações, enquanto no segundo caso os fenômenos sociais e organizacionais são autônomos, e os comportamentos individuais devem ser restringidos por

normas sociais e organizacionais.

A relação entre esses níveis, micro e macro, ainda conforme Lorino (2018), tem preocupado os pesquisadores da área organizacional, mas, segundo o autor, não tem produzido resultados satisfatórios. O pragmatismo rejeita esse dualismo e oferece uma alternativa “[...] focando a sociabilidade como uma atividade contínua em andamento” (Lorino, 2018, p.133). Nessa visão, a sociabilidade é uma construção relacional, temporal e situada, que não requer nenhum acordo prévio entre os atores. De acordo com essa abordagem, o processo *trans-actional* não tem um sentido individualista nem holístico, mas de uma contínua troca entre hábitos, crenças, atos e discursos.

Para explicar essa integração de temporalidade e sociabilidade, Lorino (2018) recorre à teoria dos signos de Peirce, observando que o significado de A não é acessível através de um signo B, mas através da relação social entre B e C, e exemplifica colocando a seguinte situação: Imaginemos que um gestor diga “Parabéns” para um subordinado que cometeu um erro. Evidentemente os parabéns nesse contexto não tem o mesmo significado que consta do dicionário, mas sim do seu oposto e socialmente remete a um conflito. O signo também expressa um movimento temporal, porque a relação entre B e C também é uma relação temporal. C pode ser o passado e /ou o futuro de B. No exemplo, o “parabéns” remete à memória do subordinado um erro recente que ele cometeu e antecipa suas possíveis consequências (advertência, perda do bônus etc.).

O conceito de *Trans-Action* tem implicações metodológicas na medida em que o observador participa da situação *trans-actional*, não há observação externa, não há neutralidade do observador, não existe a dualidade entre atores e pesquisadores, todos os participantes da pesquisa, juntos e ao mesmo tempo, transformam a situação e produzem novas competências, são todos *inquirers*, conforme salientam Lorino, Tricard e Clot (2011). Cabe observar aqui a semelhança desse conceito com a abordagem do *Engaged Scholarship*, desenvolvida por Van de Ven (2010).

Essa abordagem pode trazer contribuições relevantes para os estudos organizacionais, principalmente nos casos de mudança estratégica e na perspectiva da estratégia como prática, pois, a adoção de uma visão dinâmica e integradora, auxilia na compreensão da situação de mudança, conforme observa Lorino (2018). Esse conceito de *Trans-Action Inquiry* também pode contribuir para os estudos relacionados à governança corporativa ao perceber os *stakeholders* não como dados, mas como um processo de construção em andamento, que redefine continuamente os interesses dos envolvidos em uma perspectiva que parece mais adequada à complexidade atual do mundo dos negócios, conforme Lorino (2018).

5 Abdução

O termo “abdução”, de acordo com Douven (2021), é usado em dois sentidos, relacionados, mas diferentes. No primeiro sentido, historicamente, refere-se ao lugar do raciocínio explicativo na geração de hipóteses, enquanto no segundo, de uso mais frequente na literatura moderna, refere-se ao lugar do raciocínio explicativo na justificação de hipóteses e denominado de “inferência para a melhor explicação”.

Esse conceito, conforme Lorino (2018), foi inicialmente concebido por Peirce como um conceito lógico, e posteriormente ampliado por ele como um modelo epistemológico que constitui a primeira etapa da inquirição. Nesse sentido, o papel da abdução é encontrar novas respostas para as dúvidas que desencadearam a inquirição, ou seja, construir hipóteses sobre uma situação duvidosa, e que pode ser caracterizada em um contexto da prática organizacional como “[...] um esforço coletivo para imaginar formas de ação e diferentes hábitos para o futuro” (Lorino, 2018, p.189).

O raciocínio abdutivo, no entender de Lorino (2018), é uma forma útil de reflexão metodológica que tem sido muito pouco usada no contexto dos estudos organizacionais, e que é particularmente útil em situações de dificuldades em encontrar explicações plausíveis sobre o significado de evidências fragmentadas.

Se referindo a Peirce, Lorino (2018) observa que a Abdução é o tipo de raciocínio que, em um contexto de ambiguidades, desafia as interpretações habituais remontando fatos inexplicados em hipóteses plausíveis e ilustra o raciocínio abdutivo comparando-o aos contos de Sherlock Holmes, onde a causa é inferida a partir de seus efeitos. O raciocínio se inicia com uma observação, em seguida envolve uma regra já existente e na sequência propõe uma hipótese explicativa que caracteriza a observação como uma consequência daquela regra.

Observa ainda Lorino (2018) que, “[...] Sherlock Holmes denominava esse processo como “raciocinando para trás” (*Reasoning Backward*) o que está próximo da primeira denominação que Peirce deu para abdução: retro-deduction” (Lorino, 2018, p.192). Ressalta, contudo, que a abdução, da mesma forma que a indução, é falível e que, portanto, suas conclusões podem ser falsas enquanto a premissa é verdadeira, e nesse sentido, a abdução pode ser considerada como a explicação mais plausível que novos fatos poderão invalidar.

Nesse contexto, observam Ketokivi e Mantere (2021), do ponto de vista estritamente lógico, no raciocínio abdutivo a conclusão não é A, mas a assertiva de que há razões para suspeitar que A é verdade. Ainda segundo Ketokivi e Mantere (2021), a construção de explicações e interpretações envolve o raciocínio abdutivo o qual, ao contrário da dedução e da indução, não é uma

atividade computacional ou algorítmica, mas cognitiva, que vai além das evidências. Envolve a escolha entre explicações alternativas, e o que é muito importante, essa escolha não é guiada pelos dados, mas pelos princípios da comunidade científica em que o argumento está sendo apresentado (parcimônia, formalização, análise quantitativa, ou descrição, nuance, interpretação de um contexto específico).

Em um estudo que defende o uso da intuição nas pesquisas organizacionais, Kump (2022) por sua vez observa que a reivindicação para a aceitação do uso da intuição na realização de pesquisas está ligada à discussão sobre a aceitação da abdução. A autora define intuição, a partir de um consenso mínimo dos pesquisadores da área, como sendo “[...] um processo rápido e espontâneo que não segue as regras da lógica; em contraste com um resultado derivado analiticamente, um resultado intuitivo é tácito e holístico, e os intuidores se sentem confiantes sobre isso, apesar da falta de evidências” (Kump, 2022, p.3).

Embora reconheça que Peirce tenha negado a relevância da intuição, Kump (2022) observa que muitos pesquisadores com os quais ela se alinha, argumentaram que abdução, também no sentido de Peirce, envolve intuição quando se trata de descobrir padrões e derivar explicações de dados. Ainda de acordo com a autora, tanto aqueles pesquisadores que veem a pesquisa como um ofício e enfatizam a reflexividade, como aqueles que destacam a relevância da abdução na pesquisa, vêm insistindo na necessidade do reconhecimento da intuição dos pesquisadores em pesquisas organizacionais (Kump, 2022).

Todavia, é evidente que para garantir o rigor científico, tanto os resultados obtidos através da intuição como as hipóteses formuladas a partir da abdução devem ser validados. Já a forma de validação depende do *design* da pesquisa.

6 As críticas ao Pragmatismo

Grande parte das críticas ao pragmatismo estão calcadas na sua origem, e o classificam como um produto do capitalismo americano, de uma cultura em que o que não gera benefício material não tem sentido, em que uma coisa é verdadeira quando acreditar nela é vantajoso, conforme destaca Waal (2007). Cabe lembrar aqui, como o faz Lorino (2018), que o pragmatismo surge em um momento em que rápida expansão da economia estava transformando a nação americana em um poder internacional, que já apresentava características imperialistas com a anexação de boa parte do território Mexicano após a guerra de 1847.

Bertrand Russel, de acordo com Waal (2007), foi um dos primeiros críticos do pragmatismo, especialmente no que se refere ao seu critério de verdade. Ao se referir a

esse critério que estabelece que a utilidade é o critério de verdade, Russel (1910) observa que esse não é um critério útil, porque segundo ele, é mais difícil saber se uma crença é útil do que saber se é verdadeira, e além disso, acrescenta que não há nenhuma razão que estabeleça *a priori* que verdade e utilidade devam andar juntas.

Outro importante crítico do pragmatismo é Max Horkheimer, membro da Escola de Frankfurt, e criador da Teoria Crítica. Em sua obra *Eclipse da Razão*, Horkheimer (1976) observa que o pragmatismo é “[...] uma doutrina que sustenta não que as nossas expectativas se realizam e que nossas ações são bem-sucedidas porque nossas ideias são verdadeiras, mas o contrário, de que nossas ideias são verdadeiras porque nossas expectativas se cumprem e nossas ações têm sucesso” (Horkheimer 1976, p.51). O autor continua salientando, que o pragmatismo substituiu o exame contemplativo da vida e a análise do passado por uma visão das possibilidades futuras, e conclui que “Tanto o ataque à contemplação quanto o louvor da perícia técnica expressam o triunfo dos meios sobre os fins” (Horkheimer, 1976, p.51).

Dessa forma, Horkheimer, “[...] associou o pragmatismo ao positivismo, na medida em que, na visão dele, ambas as perspectivas julgariam que a tarefa da ciência [era] a previsão e a utilidade dos resultados.” (Mendonça, 2013, p. 367). Em sua crítica ao pragmatismo Horkheimer (2008), continua Mendonça (2013), observa ainda que a visão pragmática da verdade está ligada à confiança no mundo existente, manifestando assim, implicitamente, credo na estabilidade e nos méritos do livre mercado.

Todavia, conforme observa Mendonça (2013), a posição crítica da Escola de Frankfurt em relação ao pragmatismo não foi uma unanimidade, e a partir das sucessivas revisões pelas quais passou a teoria crítica, o pragmatismo foi fundamental para a discussão sobre democracia, graças aos trabalhos de Habermas e a Honneth que conduzem a “[...]um modelo democrático radical, capaz de ultrapassar o foco no funcionamento institucional das formas de governo e propor uma leitura abrangente sobre o modo como uma coletividade se transforma consciente e politicamente” (Mendonça, 2013, p.400).

Finalmente, sem esgotar o assunto, cabe mencionar ainda a crítica interessante e pertinente elaborada por Meneghetti (2007). Nesse trabalho perspicaz e ainda atual, o autor analisa as contribuições do pragmatismo nos estudos organizacionais, em que sem ignorar as críticas ao pragmatismo, não considera correto acusá-lo de falta de comprometimento com as transformações sociais.

O autor observa, contudo, que “[...]o que ocorre nos estudos organizacionais é a conversão do pragmatismo como conhecimento científico em subordinação irracional à utilidade e à ação prática no campo da economia, da política, da ciência, da cultura, da educação, e assim

por diante” (Meneghetti, 2007, p. 11). A necessidade premente de produção acadêmica pelos pesquisadores causada pelos critérios de calculabilidade utilizados na avaliação de desempenho deles é, na visão do autor, um dos problemas a ser revisto, problema esse apontado em 2007, e ainda não resolvido.

7 Discussão

Na tipologia de Gibbons et al. (1994) a pesquisa desenvolvida na prática corresponde ao Modo 2 de produção de conhecimento, enquanto a pesquisa acadêmica corresponde ao Modo 1. Conforme observa Maxwell (2019) em uma revisão e atualização do trabalho de Gibbons et al (1994), Nowotny, Scott e Gibbons (2003) salientam que no Modo 1, o conhecimento é gerado em um ambiente teórico/ experimental (universidades ou institutos associados), geralmente uni disciplinar e a partir de uma agenda de pesquisa. Posteriormente, esse conhecimento é aplicado por transferência de tecnologia, e na sequência é gerenciado.

Já no Modo 2, ainda conforme Nowotny, Scott e Gibbons (2003), o conhecimento é gerado no contexto de sua aplicação, ou seja, no ambiente de trabalho, por profissionais em colaboração com os demais *stakeholders* interessados, a partir de uma agenda prática de solução de problemas, que geralmente é multidisciplinar. Dessa forma, o contexto da aplicação/intervenção, descreve o ambiente nos quais os problemas surgem, as metodologias são desenvolvidas, os resultados são disseminados e os usos são definidos (Maxwell, 2019).

Embora a ideia de conhecimento prático não seja uma novidade, essa forma diferente de conhecimento que surge no ambiente da prática por meio da colaboração entre práticos e acadêmicos, desafia as bases epistemológicas e ontológicas dos métodos tradicionais da pesquisa acadêmica. Para superar esse desafio, Costley (2019) sugere uma flexibilidade epistêmica caracterizada pela multidisciplinaridade, e a incorporação dos conceitos de *Bricoleur* desenvolvido por Lévi-Strauss (1976) e de *Habitus*, proposto por Bourdieu (1977).

O *Bricoleur*, na noção de Lévi-Strauss (1976), desenvolve seu trabalho na prática, utilizando os meios e materiais disponíveis no momento, e sua atividade envolve um exame retrospectivo detalhado de similaridades e diferenças. Já o conceito de *Habitus* de Bourdieu (1977), se refere ao sistema aberto de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem com o tempo em suas experiências sociais. “Bourdieu pretende, assim, superar a antinomia entre objetivismo (no caso, preponderância das estruturas sociais sobre as ações do sujeito) e subjetivismo (primazia da ação do sujeito em relação às determinações sociais) nas ciências humanas” (Socha, 2008, p. 46).

De uma perspectiva filosófica, IVR se alinha com o método

pragmático, na medida em que a preocupação de ambos é o resultado prático. O método pragmático também inclui conceitos semelhantes aos de Bricoleur e Habitus, sugeridos por Costley (2019) e descritos anteriormente.

Além disso, e de especial relevância, o método pragmático desenvolveu e incorporou o raciocínio abduutivo a ser utilizado durante a inquirição para a formulação de hipóteses no processo de transformação de uma situação indeterminada, em um problema a ser resolvido. Aqui é importante ressaltar que o raciocínio abduutivo parte das consequências observadas das ações na prática para formular hipóteses, e não da literatura, como nas metodologias tradicionais, o que torna o processo de criação de novos conhecimentos muito mais rico.

Lukka e Vinnari (2017) descrevem o processo de condução de uma IVR da seguinte forma: a primeira fase está relacionada à obtenção de acesso à organização que será objeto de estudo, o que pode ocorrer antes ou imediatamente após a formulação da questão de pesquisa. A segunda fase envolve a análise de aspectos teóricos e práticos para compreender o objeto organizacional do estudo antes da mudança e construir hipóteses para visualizar como a organização ou um subprocesso poderia vir a ser após a mudança. Essa fase exige que o pesquisador e os atores organizacionais estabeleçam uma visão comum de como orientar o processo de mudança no qual o pesquisador participa como membro da equipe. O resultado dessa fase geralmente é uma solução que pode ser aplicada na organização. A terceira e última fase da IVR envolve uma reflexão sobre os resultados do projeto de pesquisa para formular contribuições teóricas.

É na segunda fase desse processo que a contribuição da metodologia pragmática, conforme descrita na seção 2 deste ensaio, pode contribuir de forma mais efetiva para o sucesso da IVR. O processo de inquirição e o conceito de Hábito podem contribuir efetivamente para a compreensão do estado organizacional no período pré-mudança, na busca de soluções a serem implementadas e na construção de hipóteses sobre o estado pós-mudança. A metodologia pragmática também contribui, de forma relevante, na terceira fase do processo por meio do uso da lógica abduitiva, na formulação de hipóteses alternativas para a construção de aportes teóricos a partir dos achados da pesquisa.

É diante do anteriormente exposto que esse ensaio argumenta e defende que a metodologia pragmática é a mais indicada para o desenvolvimento de pesquisas com abordagem intervencionista.

8 Considerações Finais

As metodologias tradicionais têm contribuído de forma indiscutível para o avanço do conhecimento, mas tem falhado na descrição, explicação e solução de problemas práticos complexos (Bartle & Shields, 2008; Van de Ven,

2010; Lorino, 2018; Kaushik & Walsh, 2019).

Diante disso, esse ensaio propõe a utilização da abordagem metodológica do pragmatismo nas pesquisas relacionadas a problemas complexos, que no dizer de Van de Ven (2010, p. IX) “[...] muitas vezes excedem nossas limitadas habilidades de estudar por conta própria.”, e envolvem pesquisas que normalmente têm um caráter intervencionista e/ou de *engaged scholarship*.

Nesse sentido, esse ensaio está alinhado com a visão de Cavalcanti e Alcadipani (2011, p. 578) que procuram resgatar elementos pragmáticos presentes nas obras de Foucault e Deleuze, e defendem a abordagem crítica pós-estruturalista, da mesma forma que aqui se defende o método pragmático, ou seja, como “[...] uma alternativa que procura não esmagar as singularidades com as totalizações, ou sufocá-las com universalismos, mas que é capaz de problematizar o presente que é o que de fato se faz no dia a dia”.

De particular interesse para as pesquisas no campo organizacional, notadamente aquelas de caráter intervencionista, é a utilização do raciocínio abduutivo na formulação de hipóteses alternativas no decorrer do processo de inquirição, hipóteses essas que, evidentemente, deverão posteriormente serem testadas com o rigor científico necessário. Formular hipóteses unicamente fundamentadas na literatura significa ignorar o conhecimento prático adquirido na vivência profissional e limitar a geração de conhecimento uma vez que, confirmadas essas hipóteses, a maior parte do conhecimento que seria gerado já está contido na literatura na qual se fundamentaram.

Concluindo, entende-se que a abordagem pragmática, e particularmente o raciocínio abduutivo na formulação de hipóteses, deve ser legitimamente considerado como o método mais indicado para o desenvolvimento de pesquisas de caráter intervencionista que envolvem problemas complexos nas áreas de Contabilidade e Gestão.

Referências

- Argyris, C., & Schön, D. A. (1996). *Organizational learning II: Theory, method, and practice*. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company. <https://doi.org/10.1177/103841119803600112>
- Argyris, C., & Schön, D. A. (1978). *Organizational learning: A theory of action perspective*. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company. <https://doi.org/10.1590/1984-9260907>
- Avenier, M. J., & Bartunek, J. (2010). Bridging a supposedly unbridgeable gap: elaborating scientific knowledge from and for practice. <https://shs.hal.science/halshs-00526745>

- Bain, A. (1865). *The emotions and the will* (2nd ed.). John W Parker & Son, West Strand. <https://doi.org/10.1037/10617-000>
- Baldvinsdottir, G., Mitchell, F., & Nørreklit, H. (2010). Issues in the relationship between theory and practice in management accounting. *Management Accounting Research*, 21(2), 79 – 82. <https://doi.org/10.1016/j.mar.2010.02.006>
- Bartle, J. R., & Shields, P. M. (2008). Applying pragmatism to public budgeting and financial management. Paper presented at the Association for Budgeting and Financial Management Annual Conference, Chicago, Illinois. <https://digital.library.txstate.edu/handle/10877/3995>
- Birnberg, J. G. (2009) The case for post-modern management accounting: Thinking outside the box. *Journal of Management Accounting Research*, 21(1), 3-18. <https://doi.org/10.2308/jmar.2009.21.1.3>
- Bourdieu, P. (1977) *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.2307/532672>
- Buch, A., & Elkjær, B. (2019). Pragmatism and practice theory: convergences or collisions. *Caderno de Administração*, 27(2), 1 – 17. [dx.doi.org/10.4025/cadadm.v27i2.52244](https://doi.org/10.4025/cadadm.v27i2.52244)
- Cavalcanti, M. F. R., & Alcadipán, R. (2011). Em defesa de uma crítica organizacional pós-estruturalista: recuperando o pragmatismo foucaultiano-deleuziano. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 12(4), 557 – 582. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=533556770001>
- Costa, F. J. da, Machado, M. A. V., & Câmara, S. F. (2022). Por uma orientação ao impacto societal da pós-graduação em administração no Brasil. *Cadernos EBAPE.BR*. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/85549>.
- Cohen, M. (2007). Reading Dewey: Reflections on the study of routines. *Organization Studies*, 28(5), 773-87. <https://doi.org/10.1177/017084060607762>
- Costley, C. (2019). Research approaches in professional doctorates: Notes on an epistemology of practice. In Costley, C. & Fulton, J. ed. *Methodologies for practice research*. London: Sage.
- Douven, I. (2021). Abduction. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, In: Zalta, E. N. & Nodelman, U. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2021/entries/abduction/>>.
- Elkjær, B. and Simpson, B. (2011), "Pragmatism: A lived and living philosophy. What can it offer to contemporary organization theory?", Tsoukas, H. and Chia, R. (Ed.) *Philosophy and Organization Theory (Research in the Sociology of Organizations)*, 32, Emerald Group Publishing Limited, Bingley, pp. 55-84. [https://doi.org/10.1108/S0733-558X\(2011\)0000032005](https://doi.org/10.1108/S0733-558X(2011)0000032005)
- Engel, P. (2005). Belief as a Disposition to act: variations on a pragmatist theme. *Cognitio*, 6(2), 167 – 185. <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:4878>
- Feldman, M. (2000). Organizational routines as a source of continuous change. *Organization Science*, 11(6), 611 – 629. <https://doi.org/10.1287/orsc.11.6.611.12529>
- Feldman, M., & Pentland, B. (2003). Reconceptualizing organizational routines as a source of flexibility and change. *Administrative Science Quarterly*, 48(1), 94-118. <https://doi.org/10.2307/3556620>
- Feodorov, A. (2017). Habit beyond Psychology. *The Evolution of the Concept. European Journal of Pragmatism and American Philosophy*, 9(IX-1), 1–18. <https://doi.org/10.4000/ejpap.1007>
- Gibbons, M; Limoges, C., Nowotny, H., Schwartzman, S., Scott, P. & Trow, M. (1994). The new production of knowledge: The dynamics of science and research in contemporary societies. *American Sociological Association*. <https://doi.org/10.2307/2076669>
- Haack, S. (2011). *Manifesto de uma Moderada Apaixonada – ensaios contra a moda irracionalista*. Rio de Janeiro: Edições Loyola.
- Haack, S. (2013). Fora de sintonia: a ética acadêmica em um ambiente prepostero. *Revista Cadernos de Estudos Sociais e Politicos*, 2(3), 1 – 33. https://www.researchgate.net/publication/305766489_Fora_de_Sintonia_A_Etica_Academica_en_um_Ambiente_Prepostero_Portuguese_2013
- Hansen, S. C., Otley, D. T., & Van Der Stede, W. A. (2003) Practice development in budgeting: an overview and research perspective. *Journal of Management Accounting Research*, 15(1), 96 – 116. <https://doi.org/10.2308/jmar.2003.15.1.95>
- Horkheimer, M. (1976). *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil.
- Horkheimer, M. (2008) - *Teoria Crítica I* - São Paulo, Editora Perspectiva.
- Hughes, T., O'Regan, N., & Wornham, D. (2008). The credibility issue: closing the academic/practitioner gap. *Strategic Change*, 17(7-8), 215-23. <https://doi.org/10.1002/jsc.828>
- Jönsson, S. (2010) Interventionism – an approach for the future? *Qualitative Research in Accounting & Management*, 7(1), 124 – 134. <https://doi.org/10.1108/11766091011034307>

- Jönsson, S., & Lukka, K. (2007) There and Back again: Doing interventionist research in Management Accounting. Chapman, C.S.; Hopwood, A.G.; Shields, M.D. *Handbook of Management Accounting Research*, 1, 373 – 397. [https://doi.org/10.1016/S1751-3243\(06\)01015-7](https://doi.org/10.1016/S1751-3243(06)01015-7)
- Kaushik, V., & Walsh, C. A. (2019). Pragmatism as a research paradigm and its implications for social work research. *Social Sciences*, 8(9), 255. <https://doi.org/10.3390/socsci8090255>
- Ketokivi M., & Mantere S. (2021). What warrants a claim? A methodological evaluation of argument structure. *Journal of Operations Management*, in press. Online Version of Record before inclusion in an issue, 1 – 21. <https://doi.org/10.1002/joom.1137>
- Kump, B. (2022). No need to hide: Acknowledging the researcher's intuition in empirical organizational research. *Human Relations*, 75(4), 635–654. <https://doi.org/10.1177/0018726720984837>
- Labro, E., & Tuomela, T. (2003). On bringing more action into management accounting research: process considerations based on two constructive case studies. *European Accounting Review*, 12 (3), 409 – 442. <https://doi.org/10.1080/0963818032000083559>
- Lee, T. A. (2009) *Financial Accounting Theory*. In Edwards, J. E. & Walker, S.(eds.), *The Routledge companion to accounting history*. Abingdon: Routledge.
- Lévi-Strauss, C. (1976) *O pensamento selvagem*. São Paulo: Editora Nacional.
- Lorino, P. (2018). *Pragmatism and Organization Studies*. New York: Oxford University Press.
- Lorino, P., Tricard, B., & Clot, Y. (2011). Research methods for non-representational approaches to organizational complexity: The dialogical mediated inquiry. *Organization Studies*, 32(6), 769 – 801. <https://doi.org/10.1177/0170840611410807>
- Lukka, K., & Vinnari, E. (2017). Combining actor-network theory with interventionist research: Present state and future potential. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 30(3): 720–753. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-08-2015-2176>
- Lukka, K. & Wouters, M. (2022). Towards interventionist research with theoretical ambition. *Management Accounting Research*, 55, 1 – 15. <https://doi.org/10.1016/j.mar.2022.100783>
- Maxwell, T.W. (2019) *Philosophy and practice – why does it matter?* In Costley, C. & Fulton, J. (ed.) *Methodologies for practice research*. London: Sage.
- Menand, L. (2002). *The Metaphysical Club – A story of ideas in America*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Meneghetti, F. K. (2011) O que é um ensaio-teórico? *Revista Administração Contemporânea*. 15 (2) 320 – 332. <https://doi.org/10.1590/S1415-6552011000200010>
- Meneghetti, F. K. (2007) Pragmatismo e os pragmáticos nos estudos organizacionais. *Cadernos EBAPE BR*, 5(1), 1 – 13. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512007000100005>
- Mendonça, R. F. (2013). Teorias críticas e pragmatismo: a contribuição de G. H. Mead para as renovações da escola de Frankfurt. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 90, 367 – 403. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452013000300013>
- Morin, E. (2005) *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Editora Meridional / Sulina.
- Nonaka, I., Konno, N., & Toyama, R. (2001). Emergence of 'Ba': a conceptual framework for the continuous and self-transcending process of knowledge creation, In Nonaka, I. & Nishiguchi, T. (Eds), *Knowledge Emergence: Social, Technical, and Evolutionary Dimensions of Knowledge Creation*, Oxford, 13 – 29.
- Nowotny, H., Scott, P. & Gibbons, M. (2003). Mode 2 revisited: the new production of knowledge. *Minerva*, 41(3), 179 – 194. <http://www.jstor.org/stable/41821245>
- Pacioli, L. (1494 / 1911) *Trattato de computi e delle scritture*. In: *Opere Antiche de Rigioneria* (1911). Milano: *Monitore del ragioniere*.
- Peirce, C. S. (1878) How to make our ideas clear. *Popular Science Monthly*, 12, 286 – 302. <https://courses.media.mit.edu/2004spring/mas966/Peirce%201878%20Make%20Ideas%20Clear.pdf>
- Pentland, B., & Feldman, M. (2005). Organizational routines as a unit of analysis. *Industrial and Corporate Change*, 14(5), 793-815. <https://doi.org/10.1093/icc/dth070>
- Quatronne, P. (2009). We have never been Post-modern: on the search of management accounting theory. *European Accounting Review*. 18(3), 621 – 630. <https://doi.org/10.1080/09638180902863837>
- Russel, B (1910). *Philosophical Essays*. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em <http://bertrandrussellsocietylibrary.org/br-pe/br-pe.html>
- Setton, M. G. J. (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, 20. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>
- Sharma, G., & Bansal, P. (2020). Cocreating rigorous and relevant knowledge. *Academy of Management Journal*, 63(2), 386 – 410. <https://doi.org/10.5465/amj.2016.0487>

- Sidor, J. (2015). Debate Over Rigor and Relevance in Scientific Study of Management. *Management and Business Administration, Central Europe*, 23 (3), 32–46. <https://doi.org/10.7206/mba.ce.2084-3356.149>
- Simpson, B., & Lorino, P. (2016). Re-Viewing Routines through a Pragmatist Lens. *Perspectives on Process Organization Studies*, 6, 47 – 70. ISBN 9780198759485
- Soares, S.V.; Picolli, I. R. A. & Casagrande, J. L. (2018) Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Bibliométrica, Artigo de Revisão e Ensaio Teórico em Administração e Contabilidade. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 19 (2), 308 – 339. <https://doi.org/10.13058/raep.2018.v19n2.970>
- Socha, E (2008). Pequeno glossário da teoria de Bourdieu. *Revista Cult*, 128.
- Sombart, W. (1946). *El Apogeo del Capitalismo*. Mexico: Fondo de Cultura Economica.
- Suomala, P., & Yrjänäinen, J. L. (2012). *Management accounting research in practice*. New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203141205>
- Tucker, B., & Parker, L. (2014). In our ivory towers? The research-practice gap in management accounting. *Accounting and Business Research*, 44(2), 104-143. <https://doi.org/10.1080/00014788.2013.798234>
- Van de Ven, A. H. (2010). *Engaged Scholarship – A guide for organizational and social research*. New York: Oxford University Press.
- Vo, L. C. (2012). Pragmatist perspective on knowledge and knowledge management in organizations. *International Business Research*, 5(9), 78. <http://dx.doi.org/10.5539/ibr.v5n9p78>
- Waal, C. (2007). *Sobre o pragmatismo*. São Paulo: Edições Loyola.
- Weber, M. (2006) *On Capitalism, Bureaucracy and Religion – Selected Texts*. Andreski (ed.) New York: Routledge.
- Winter, S. (2013). Habit, deliberation, and action: Strengthening the microfoundations of routines and capabilities. *Academy of Management Perspectives*, 27(2): 120-137. <https://doi.org/10.5465/amp.2012.0124>
- Wood Jr., T., & Souza, R. J. (2019). Os Caminhos da Pesquisa Científica em Administração em Busca da Relevância Perdida. *Organizações & Sociedade*, 26(90), 535 – 555. <https://doi.org/10.1590/1984-9260907>
- Yrjänäinen, J. L., Suomala, P., Laine, T., & Mitchell, F. (2018). *Interventionist management accounting research*. New York: Routledge.